

## A LINGUAGEM DA CRIANÇA: UMA HERANÇA CULTURAL

Giovane Fernandes Oliveira<sup>1</sup>

### Resumo

Este artigo tem como objetivo estudar a relação entre língua, cultura e intersubjetividade no ato de aquisição da linguagem. Para tanto, analisa um diálogo entre uma criança e seus pais, a partir da Teoria da Enunciação de Benveniste (2005; 2006) e da Teoria Enunciativa da Aquisição da Linguagem de Silva (2007; 2009). A análise da marcação do locutor no discurso, através de formas pessoais (categorias de pessoa, espaço e tempo) e funções interpessoais (modalidades assertiva, intimativa e interrogativa), indica que a criança (*eu*) estabelece duas relações de alteridade – com o outro (*tu*) e com a cultura (*ELE*), constituindo-se sujeito na dupla natureza, individual e social, de sua língua materna e assumindo a linguagem como uma herança cultural.

**Palavras-chave:** Enunciação. Aquisição da linguagem. Cultura.

### Abstract

This article aims to study the relationship between language, culture and intersubjectivity in the act of language acquisition. For that, it analyzes a dialogue between a child and her parentes, from Benveniste's Theory of Enunciation (2005; 2006) and Silva's Enunciative Theory of Language Acquisition (2007; 2009). The analysis of the speaker in the discourse, through personal ways (categories of person, space and time) and interpersonal functions (assertive, imperative and interrogative modalities), indicates that the child (*I*) establishes two relations of alterity – with the other (*you*) and with culture (*HE*), being subject in dual nature, individual and social, of her mother tongue and assuming the language as a cultural heritage.

**Keywords:** Enunciation. Language acquisition. Culture.

### Introdução

Um dos terrenos mais férteis dos estudos da linguagem, a Aquisição da Linguagem assume como objeto a fala da criança, cuja complexidade atrai o olhar de diferentes escolas de pensamento. A esse respeito, Scarpa (2001) traça as grandes linhas do saber disciplinar que se consolidou como tal tomando como escopo de investigação linguagem infantil. Uma a uma, as principais abordagens teóricas do fenômeno aquisicional são interrogadas pela autora e convocadas a justificar sua concepção de linguagem e de aquisição da linguagem.

---

<sup>1</sup> Graduando em Licenciatura em Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, Língua Francesa e suas Literaturas, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: [giovane.oliveira@ufrgs.br](mailto:giovane.oliveira@ufrgs.br).

Somos brevemente apresentados ao behaviorismo skinneriano, que concebe a linguagem como comportamento verbal em cuja base estrutural está o condicionamento explicado por mecanismos de estímulo-resposta-reforço. A essa corrente psicológica contrapõe-se a segunda trazida por Scarpa (2001), o inatismo chomskiano, o qual toma a linguagem não como passível de aquisição através de mecanismos comportamentais, mas como faculdade genética adquirida na ativação de um dispositivo inato à espécie humana que permite a escolha pela criança de regras que ela julga pertencer à sua língua (fase 1 da teoria) ou na fixação de parâmetros aos quais a criança, que já nasce com princípios linguísticos internalizados, é exposta no contato com a língua materna (fase 2 da teoria).

De uma visão ambientalista (Skinner) e uma visão mentalista (Chomsky), Scarpa (2001) passa a uma visão cognitivo-construtivista, discutindo primeiramente a perspectiva piagetiana, para a qual a linguagem é um sistema simbólico de representações e sua aquisição, o resultado da interação entre o ambiente e o organismo, que torna possível o desenvolvimento linguístico-cognitivo. A autora analisa em seguida a perspectiva vygotskiana, oposta à piagetiana porque mais aberta ao papel do social na aquisição da linguagem e do pensamento, entendendo-a como processo de interiorização de estruturas socialmente construídas.

O interacionismo social, quinta abordagem teórica discutida por Scarpa (2001), parte de uma concepção de linguagem como interação e de aquisição da linguagem como processo resultante da interação entre a criança e o outro, geralmente o adulto mais próximo de seu convívio, o qual atribui sentido à fala – muitas vezes agramatical – e aos gestos da criança, instituindo-a, assim, como parceiro conversacional. Uma das vertentes do interacionismo social que recebe mais atenção da autora é aquela na qual ela se insere, a saber, o sociointeracionismo, cujas propostas afirmam que a linguagem é atividade dialógica que constrói o conhecimento do mundo pela criança e a constitui como sujeito em face de um interlocutor. Para essa vertente, importa não o produto linguístico (a linguagem da criança ou do adulto), mas o processo interacional que possibilita a aquisição da linguagem pela criança.

Contudo, escrito em 2001, o texto introdutório de Scarpa não trata de outra perspectiva aquisicional, inaugurada alguns anos mais tarde, com a publicação da tese de doutorado *A instauração da criança na linguagem: princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem*, em 2007, e do livro dela resultante *A criança*

na linguagem: *enunciação e aquisição*, em 2009, ambos de autoria de Carmem Luci da Costa Silva.

A Teoria Enunciativa da Aquisição da Linguagem proposta por Silva (2007; 2009) resulta do diálogo estabelecido pela autora entre o campo da Linguística da Enunciação, mais especificamente a Teoria da Enunciação de Émile Benveniste, e o campo da Aquisição da Linguagem, mais especificamente a aquisição de língua materna. Através dessa nova teoria, a autora explica a aquisição da linguagem como um ato de enunciação formalizado pelo dispositivo trinitário (*eu-tu/ele*)-*ELE*, o qual comporta a criança (*eu*), o outro de seu convívio (*tu*), a língua na qual se instaura (*ele*) e a cultura em que está imersa (*ELE*).

Inserido em tal perspectiva enunciativa de aquisição da linguagem, este trabalho tem como objetivo responder às seguintes questões: *como língua e cultura relacionam-se no ato de aquisição da linguagem? E quais os efeitos dessa relação na constituição da criança como herdeira dos valores culturais de sua língua materna?* Para tanto, analisa o diálogo entre uma menina com cerca de três anos de idade e seus pais<sup>2</sup>, com a finalidade de verificar as formas e os mecanismos linguísticos empregados pela criança na relação intersubjetiva com o outro e com a cultura enquanto herança simbólica. Para tanto, organiza-se em duas seções, além desta introdução e da conclusão: na primeira, aprofunda um pouco mais a abordagem teórica assumida; na segunda, busca constituir uma análise enunciativa da fala da criança.

### **Enunciação e aquisição: atos de instauração da criança na dupla natureza da língua**

O dispositivo (*eu-tu/ele*)-*ELE* sintetiza as bases teórico-metodológicas elaboradas por Silva (2007; 2009) para investigar a instauração da criança na linguagem e desdobra-se em uma série de relações enunciativas: as relações diádicas *eu-tu*, *eu/tu* e (*eu-tu*)/*ele* e as relações trinitárias *eu-tu/ele* e (*eu-tu/ele*)-*ELE*.

Na relação diádica *eu-tu*, a criança não consegue distinguir o outro de si própria, estabelecendo com ele a conjunção criança/outro. Na relação diádica *eu/tu*, a criança passa a distinguir-se do outro ao se assumir como pessoa subjetiva (*eu*) distinta da pessoa não-subjetiva (*tu*), estabelecendo com ele a disjunção criança/outro. Na relação diádica (*eu-tu*)/*ele*, a criança estabelece a relação mundo/discurso, em que as pessoas *eu*

<sup>2</sup> Interação registrada em vídeo e publicada no canal *Youtube*, estando disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NVHT39CNaj4&feature=youtu.be>. Acesso em: 16/06/2016.

e *tu* distinguem-se da não-pessoa *ele*, sendo a ausência desta a condição para aquelas estarem presentes no discurso. Na relação trinitária *eu-tu/ele*, há a consolidação da estrutura enunciativa com o reconhecimento pela criança de si como locutor, do outro como alocutário e da língua como possibilidade de atualização no discurso. Na relação trinitária (*eu-tu/ele*)-*ELE*, por fim, há a constituição de duas alteridades, a do *tu* (o alocutário presente na instância do discurso) e a do *ELE* (a cultura que, mesmo “ausente” na instância do discurso e irrepresentável na linearidade discursiva, é dela constitutiva), em que a criança vale-se de diferentes formas e mecanismos da língua para produzir referências no discurso.

Tais relações configuram as três operações enunciativas de aquisição da linguagem. As relações *eu-tu* (conjunção) e *eu/tu* (disjunção) configuram a operação de preenchimento de lugar enunciativo; a relação (*eu-tu*)/*ele* configura a operação de referência; as relações *eu-tu/ele* e (*eu-tu/ele*)-*ELE* configuram a operação de inscrição enunciativa da criança na língua-discurso. Na primeira operação, ocorre a passagem do preenchimento de lugar enunciativo a partir do outro para o reconhecimento que esse lugar provoca no outro. Na segunda operação, há a passagem da atualização de uma referência mostrada para uma referência constituída na língua-discurso. Na terceira operação, dá-se a passagem de um uso discursivo de instanciação subjetiva por meio de funções e formas para um uso discursivo em que a enunciação constitui e é constituída por outra enunciação.

Através dessas três operações, Silva (2007; 2009) mostra, na análise de dados longitudinais de uma criança acompanhada dos onze meses aos três anos e cinco meses, como se dá o ato singular de instauração da criança na linguagem. Os resultados da análise indicam que o locutor-criança produz “uma história de enunciações, por meio da qual constitui sua língua materna e o sistema de representações de sua cultura, estabelecendo-se, desse modo, como sujeito de linguagem” (SILVA, 2009, p. 286).

Nessa perspectiva, enunciação e aquisição são concebidas como atos de instauração da criança na “dupla natureza profundamente paradoxal da língua, ao mesmo tempo imanente ao indivíduo e transcendente à sociedade” (BENVENISTE, 2006, p. 97), pois, se o locutor-criança se apropria da língua para dela fazer um uso *singular*, ele também a *herda*. Tal herança evidencia o caráter cultural tanto da língua quanto da sociedade, pois ambas são *dadas* à criança, que forma o símbolo e constrói o objeto à medida que descobre que tudo tem um nome, inclusive ela própria, sendo tal descoberta o despertar da consciência do meio social em que vive e que, através da

língua, constituirá sua individualidade no interior da coletividade. Assim, o que a criança aprende não é o desempenho de um conhecimento inato, mas o mundo do homem, de forma que “[a] apropriação da linguagem pelo homem é a apropriação da linguagem pelo conjunto de dados que se considera que ela traduz, a apropriação da língua por todas as conquistas intelectuais que o manejo da língua permite” (BENVENISTE, 2006, p. 21).

Essa apropriação diz respeito à integração do homem à *cultura* que o cerca e que atribui à sua vida forma, sentido e conteúdo. Conforme Benveniste (2005), assim como o sistema linguístico, o sistema cultural distingue o que tem e o que não tem sentido, consistindo numa série de noções, prescrições e interdições e caracterizando-se tanto por aquilo que proíbe quanto por aquilo que autoriza. A cultura também diferencia o homem do animal, sendo simbólica em sua estrutura e em seu funcionamento:

A cultura define-se como um conjunto muito complexo de representações, organizadas por um código de relações e de valores: tradições, religião, leis, política, ética, artes, tudo isso de que o homem, onde quer que nasça, será impregnado no mais profundo da sua consciência, e que dirigirá o seu comportamento em todas as formas da sua atividade, o que é senão um universo de símbolos integrados numa estrutura específica e que a linguagem manifesta e transmite? Pela língua, o homem assimila a cultura, a perpetua ou a transforma. (BENVENISTE, 2005, p. 32).

É por isso que Benveniste defende que o homem não nasce na natureza, mas na cultura, e que toda criança aprende com a língua os rudimentos de uma cultura, não sendo nenhuma língua separável de uma função cultural. Como todos os elementos culturais derivam da articulação entre valores que se imprimem na língua, esta é reveladora da cultura na medida em que carrega consigo uma série de dados herdados e simbólicos.

Tal concepção de cultura, segundo Silva, Knack e Juchem (2013), permite redimensionar a clássica definição de enunciação como *ato individual de apropriação de língua*, pois, embora esse ato seja individual, ele carrega interpretações da cultura, a qual deixa seus traços no discurso do locutor que se apropria da língua para se enunciar como sujeito e convocar o outro a também se enunciar. Logo, concebida como ato enunciativo, a aquisição da linguagem é também um ato individual e social, porque a criança se instaura singularmente numa língua atravessada pela cultura da sociedade em que é falada.

### **A linguagem da criança: uma herança cultural**

O fato enunciativo selecionado para análise é o diálogo presente no vídeo *Mariana come batom da mãe!*, disponível no site *Youtube* e transcrito<sup>3</sup> abaixo:

---

<sup>3</sup> Na transcrição, adotamos algumas das convenções de Silva (2007; 2009): um cabeçalho apresentando os participantes da situação enunciativa, indicados pelas três letras iniciais do nome, seguidas de parênteses informando o seu grau de parentesco com a criança. Os turnos do diálogo são indicados pelas três primeiras letras do nome de cada participante. MAR indica as iniciais da criança estudada (Mariana). Os comentários do transcritor são indicados com a expressão “com”. Entre colchetes, são indicadas ações não verbais, como risos.

**Participantes:** PAI, MÃE (gravando) e MAR (criança).

**Idade da criança:** aproximadamente três anos.

**Situação:** Mariana está no quarto com os pais. A mãe, gravando, não aparece no vídeo. O pai aparece de relance. A câmera foca a criança.

PAI: Nooossa!

MÃE: Vai, eu querasabê que qui você fez

MAR: Purquieucomi seu batoom

MÃE: Você comeu meu batoom? Deixa eu vê seu denti

Com: Mariana abre a boca e mostra os dentes para a mãe.

MÃE: Eu não acreditoquívocêcumeu meu batom

MAR: Purqu... Purquédicumê

MÃE: Ele não é dicumê

MAR: É dipassá?

MÃE: É, é dipassá

MAR: Eu passei muito na... na... no... no... nopótigandi

MÃE: Cêpassô no póti?

PAI: Vamumudáo nome da Amora pra Morangu, purquia boca da Amora tá toda vermelha

MÃE: A cachorra cumeu o meu batom?

MAR: É

MÃE: Eu não acredito, Mariana, meu batom era novo! Aonde você pegô meu batom?

Com: Mariana se dirige até o guarda-roupa e aponta para dentro dele.

MAR: É aqui!

Com: Mariana volta para junto da mãe.

MÃE: Você não tem vergonha difazê essas coisas?

PAI: Toma, mostra pra sua mãe o que sobrô do batom dela, mostra pra ela

Com: Mariana pega o batom da mão do pai e o ergue em direção à mãe:

MAR: Ó

MÃE: Cadê o resto do meu batom?

MAR: Cumi

Com: Pai ri.

MÃE: Purquequi você comeu, Mariana?

MAR: Purquédicumê

MÃE: Ele não é dicumê, Mariana

MAR: É di... É dipassá?

MÃE: Abri a boca, Mariana

MAR: É dipassá?

MÃE: Cadê os dentidi cima?

Com: Mariana mostra os dentes para a mãe.

MÃE: Di cima aqui

Com: Mariana abre mais a boca com o indicador direito.

MÃE: Mariana du céu, seus dentitá cheio di batom, Mariaaana... Isso faz maaal!

Com: Mariana evita o olhar da mãe enquanto é repreendida.

MÃE: Eu não acreditoqui você cumeu meu batom

Com: Mariana produz ruídos incompreensíveis enquanto tenta passar a mão suja na mãe.

MÃE: Cêsabiquicê vai ficádi castigo, né?

MAR: Não

MÃE: Você vai ficádicastigu!

MAR: Vô nããã

MÃE: Você cumeu meu batom

MAR: Não... a Amora cumeu...

MÃE: A Amora cumeu?

MAR: É

MÃE: Quem foi qui deu pra Amora cumê?

MAR: Eu

MÃE: Então quem tem quificádicastigu?

MAR: A Amora

MÃE: É você qui tem quificádi castigo! [= risos] Olha a sua mão como tá... Agora você vai têquitomábanhu

Com: Mariana dá as costas e caminha para fora do quarto.

MAR: Eu vô lá... nobanheiu... lavá minha mão

Neste fato enunciativo, vemos um locutor-criança totalmente instaurado em sua língua materna, de modo que é a terceira operação enunciativa de aquisição da linguagem que se destaca aqui: *a operação de inscrição enunciativa da criança na língua-discurso*.

Tal operação, segundo Silva (2007; 2009), comporta uma dupla lógica: a) uma *lógica discursiva*, caracterizada pela marcação do locutor no discurso através de formas pessoais (categoria de pessoa) e funções interpessoais (modalidades assertiva, intimativa e interrogativa); b) uma *lógica de dupla enunciação*, definida pela instanciação de uma enunciação sobre outra enunciação para retomar, projetar ou simular ações. No fato acima, predominam as formas e as funções da lógica discursiva.

A categoria de pessoa se manifesta no discurso de Mariana de dois modos. O primeiro modo refere-se à assunção pelo locutor da forma de pessoa subjetiva *eu*, como em (1) “Purqui eu comi seu batoom”, (2) “Eu passei muito na... na... no... no... no pótigandi”, (3) “Eu vô lá... no banheiu... lavá minha mão”. Chama a atenção o uso da forma *eu* sozinha em (4) “Eu”, em resposta à pergunta da mãe: “Quem foi qui deu pra Amora cumê?”, escolha lexical esta que indica que o locutor-criança já se reconhece como sujeito e atesta esse auto-reconhecimento empregando tão-somente o pronome de primeira pessoa para responder ao questionamento lhe destinado pela mãe.

O segundo modo de manifestação discursiva da pessoa subjetiva ocorre por meio da marcação da primeira pessoa no verbo, como em (5) “Cumi” e (6) “Vô nããão”, ocorrências nas quais a elipse da forma pronominal *eu* transfere para os sufixos número-pessoal e modo-temporal –i e –ô (-u, na escrita) a marca subjetiva do locutor inscrito em seu discurso. Tal apagamento do pronome de caso reto aponta não somente a assimilação pelo locutor-criança de um padrão sintático de sua língua materna (o parâmetro do sujeito nulo) como também evidencia que já sabe organizar a temporalidade linguística tomando a categoria de pessoa como centro de referência: o pretérito perfeito assinalado em “Cumi” e o futuro do presente subscrito em “Vô nããão” – assim como em “Eu vô lá... no banheiu... lavá minha mão”, em que há a prospecção de uma ação – definem-se em relação ao presente daquele que fala.

Com efeito, há para a língua apenas uma expressão temporal, que não é senão o presente da instância de discurso em que se fala: o *agora*, tempo em que coincidem acontecimento e discurso. Sendo o único tempo inerente à língua, o presente do discurso é um *presente axial e gerador* porque funciona como um eixo a partir do qual são gerados o passado e o futuro, temporalidades projetadas para trás (retrospectivamente) ou para frente (prospectivamente) em relação ao presente (cf. BENVENISTE, 2006, p. 74).

Também a categoria de espaço emerge no discurso do locutor-criança, como mostram os recortes (7) “É aqui!” e (8) “Eu vô lá... no banheiro... lavá minha mão”. As formas dêiticas *aqui* e *lá* operam como índices de ostensão, “termos que implicam um gesto que designa o objeto ao mesmo tempo que é pronunciada a instância do termo” (BENVENISTE, 2006, p. 85). Tais índices, diferentemente dos termos nominais, não reenviam a *conceitos*, mas a *indivíduos* cada vez únicos, engendrados de novo a cada enunciação.

Nos recortes transcritos, os dêiticos *aqui* e *lá* são acompanhados por movimentos corporais: primeiramente, o locutor-criança desloca-se até o guarda-roupa em que encontrou o batom da mãe e, em resposta à indagação desta acerca de onde pegou o objeto, enuncia “É aqui!”, apontando para o interior do móvel; em seguida, enuncia “Eu vô lá... no banheiro... lavá minha mão” enquanto se desloca pelo quarto em direção ao banheiro. Em ambos os recortes, vemos a criança constituindo a espacialidade ao tomar a sua localização, enquanto centro da instância de discurso, como ponto de referência.

Assim, a temporalidade e a espacialidade estão ambas submetidas à personalidade como eixo estruturante da enunciação. A exemplo da *pessoa*, o *tempo* e o *espaço* não são entidades plenas e permanentes na língua, mas, “emanando da enunciação, não existem senão na rede de ‘indivíduos’ que a enunciação cria e em relação ao ‘aqui-agora’ do locutor” (BENVENISTE, 2006, p. 86). São signos vazios, preenchidos de sentido a cada inserção do discurso no mundo.

O locutor-criança inscreve-se na língua-discurso também por intermédio das modalidades frasais, duas das quais se destacam no fato enunciativo em análise: a asserção e a interrogação. A asserção presentifica-se de duas formas. A primeira forma vale-se de proposições afirmativas, como (9) “Purqu... Purquédicumê”, (10) “Não... a Amora cumeu...” e (11) “É”, asserções que comunicam certezas e revelam o engajamento do locutor em sua enunciação. A segunda forma lança mão de proposições

negativas, como (12) “Não”, (13) “Vô nããão” e (14) “Não... a Amora cumeu...”, asserções que negam sentidos endereçados ao locutor-criança pela mãe. Tanto na afirmação quanto na negação, vemos na asserção “a manifestação mais comum da presença do locutor na enunciação” (BENVENISTE, 2006, p. 86), pois, ao asseverar – afirmando ou negando –, ele se engaja no discurso e convoca o alocutário a aderir às suas proposições.

Já a interrogação emerge, na fala da criança, em (15) “É dipassá?”, como réplica à asserção negativa da mãe: “Ele (o batom) não é dicumê”. Vemos nessa ocorrência a função da interrogação enquanto “enunciação construída para suscitar uma ‘resposta’, por um processo linguístico que é ao mesmo tempo um processo de comportamento com dupla entrada” (BENVENISTE, 2006, p. 86). A dupla entrada da enunciação interrogativa está na necessidade do locutor de referir – perguntar para obter uma resposta – e na possibilidade do alocutário de co-referir – ser interrogado para responder e, ao fazê-lo, tornar-se locutor e produzir, ele próprio, referências no discurso.

De fato, essa inversibilidade enunciativa característica da interrogação fica clara na relação criança-outra que se constrói via turnos de fala pergunta-resposta no fato enunciativo analisado. Na sequência (16) “MÃE: A Amora cumeu? / MAR: É / MÃE: Quem foi qui deu pra Amora cumê? / MAR: Eu / MÃE: Então quem tem quificádicastigu? / MAR: A Amora”, embora seja o locutor-adulto quem toma a palavra para interrogar o outra, chama a atenção a facilidade com que o locutor-criança lida com as mudanças instantâneas no quadro figurativo da enunciação, retomando a palavra para responder à mãe tão logo esta finaliza a pergunta e silencia para lhe permitir enunciar novamente. É como se o locutor-criança percebesse a função interrogativa como uma ciranda enunciativa girando em torno de si ora como *eu*, ora como *tu*, e da mãe também ora como *eu*, ora como *tu*, em um processo solidário de referência/co-referência que se constitui a própria condição da enunciação.

Ambas, tanto a asserção quanto a interrogação, ilustram o papel do aparelho de funções de que se serve o locutor “para influenciar de algum modo o comportamento do alocutário” (BENVENISTE, 2006, p. 86). São duas das três *funções inter-humanas do discurso*, as quais correspondem cada uma a uma atitude do locutor e se refletem nos seus três comportamentos fundamentais ao agir e falar sobre o interlocutor: “quer transmitir-lhe um elemento do conhecimento, ou obter dele uma informação, ou dar-lhe uma ordem” (BENVENISTE, 2005, p. 139).

Os aspectos até aqui analisados recobrem a primeira alteridade constitutiva do dispositivo enunciativo de aquisição da linguagem (*eu-tu/ele*)-*ELE*: a alteridade do *tu*, o alocutário presente na instância do discurso. Mas e a alteridade do *ELE*, a cultura que, mesmo “ausente” na instância do discurso e irrepresentável na linearidade discursiva, é dela constitutiva? Dois recortes do fato enunciativo acima podem contribuir para uma análise da instância cultural no discurso de Mariana.

O recorte (17) “É dipassá?” carrega os rudimentos de uma *cultura estética*, que prescreve os usos que se pode fazer de produtos de embelezamento como o batom comido pelo locutor-criança, o qual, por estar imerso em um sistema cultural em que vigoram tais valores associados a cosméticos, imprime-os em seu discurso. É a enunciação reproduzindo a experiência e o acontecimento da experiência de um locutor que, embora jamais possa ter ouvido expressamente de alguém que batons “se passam” e não “se comem”, tem conhecimento dessa *prescrição cultural* por estar imerso em um ambiente em que adultos utilizam tais produtos da indústria da beleza.

No recorte (18) “Eu vô lá... no banheiro... lavá minha mão”, o locutor-criança traz em seu discurso interpretações de uma *cultura sanitária*, que interdita a manutenção, por um indivíduo, de sujeira em seu próprio corpo e dirige seu comportamento ao cumprimento desse *interditocultural*. “Banheiro” assume aqui um duplo estatuto simbólico: é um símbolo linguístico, porque pertencente ao repertório de formas da língua – ainda que com o apagamento da líquida intervocálica não-lateral [r]–, e é um símbolo cultural, porque visto como um espaço social relacionado à limpeza. É o locutor-criança apreendendo, com a língua, a cultura enquanto *norma e representação*. Mariana é já sujeito em sua língua materna.

### Conclusão

Realizada a análise enunciativa da fala da criança informante de nosso estudo, podemos retomar as questões que nos colocamos na introdução e ensaiar para elas uma resposta: *como língua e cultura relacionam-se no ato de aquisição da linguagem? E quais os efeitos dessa relação na constituição da criança como herdeira dos valores culturais de sua língua materna?*

Considerando, com Benveniste, que o elo entre homem, língua e cultura é o símbolo, defendemos que a cultura, a exemplo da língua, emprega símbolos particulares a certa sociedade e nos quais o homem precisa se instaurar para ter acesso à experiência

do outro e tornar a sua experiência também acessível a esse outro, de modo que a língua se encontra sempre no seio da sociedade e da cultura inerente a esta, interpretando-as. Nessa perspectiva, todo mecanismo cultural é um mecanismo simbólico, sendo o “fundamento de tudo” o “simbólico da língua como poder de significação” (BENVENISTE, 2006, p. 25), que age como “uma semântica que atravessa todos estes elementos de cultura e que os organiza” (BENVENISTE, 2006, p. 25).

O autor nomeia essa faculdade semântica *desemantismo social*, o qual afirma ser transversal tanto ao sistema linguístico quanto ao sistema cultural, sendo este interpretado por aquele. É por isso que o simbolismo da língua é a base da significação: a língua interpreta a cultura e, quando atualizada em discurso pelo locutor, carrega para o discurso tais interpretações: “Nada pode ser compreendido – é preciso se convencer disto – que não tenha sido reduzido à língua. [...] É graças a este poder de transmutação da experiência em signos e de redução categorial que a língua pode tomar como objeto qualquer ordem de dados” (BENVENISTE, 2006, p. 99). Em outras palavras, a cultura torna-se significante *na* e *pela* língua, cujas formas veiculam os valores socialmente partilhados. Depende do semantismo social o estabelecimento, pelo locutor-criança, das duas relações de alteridade que o constituem como sujeito de linguagem – com o outro (*tu*) e com a cultura (*ELE*).

Dessa relação da criança com o outro e com a cultura, oferecemos uma amostra na análise da fala de Mariana. No diálogo com os pais, a criança mobiliza diversos recursos linguísticos “para influenciar de algum modo o comportamento do alocutário” (BENVENISTE, 2006, p. 86), dentre os quais se destacam a *interrogação* e a *asserção*, duas das três funções inter-humanas do discurso, utilizadas pelo locutor-criança para suscitar enunciações de retorno do alocutário-adulto. Além das funções interrogativa e assertiva, também as formas de *pessoa*, *espaço* e *tempo* revelam a intersubjetividade fundante da relação criança-outro e, portanto, condição tanto da comunicação linguística quanto da instauração da subjetividade na linguagem, uma vez que a criança ocupa um lugar de fala na estrutura enunciativa e propõe-se como *eu* apenas quando é convocada por *tu* ou convoca *tu* a enunciar.

O preenchimento desse lugar enunciativo, assim, possibilita a passagem de locutor a sujeito e a conversão da língua em discurso pela criança, no qual ela atualiza os valores da cultura em que está imersa. Tal atualização é feita por Mariana por meio de dois mecanismos simbólicos: a *prescrição* e a *interdição*. O primeiro mecanismo relaciona-se a ditames instituídos pela cultura a produtos estéticos, como o batom

comido pela criança em violação a uma norma social, o que motiva o seu diálogo com os pais. Já o segundo mecanismo diz respeito à proibição, também pela cultura, do “manter-se sujo”, estado em que se apresenta a menina após ingerir o cosmético, proibição esta que a leva ao banheiro enquanto *lócus* social vinculado à higiene.

Respondendo às nossas questões norteadoras, língua e cultura relacionam-se no ato de aquisição da linguagem a partir do princípio da intersubjetividade, constitutivo da apropriação pela criança tanto do sistema linguístico quanto do sistema cultural. Essa dupla apropriação revela ser a aquisição da linguagem não um processo instintivo nem uma faculdade natural, mas a instauração no mundo homem por meio da língua, com o conjunto de dados culturais que ela traduz. O principal efeito da relação língua-cultura na aquisição da linguagem é a constituição pela criança de duas alteridades, com o outro da alocação (*tu*) e com o *outro* da cultura (*ELE*), as quais lhe possibilitam se estabelecer como sujeito na dupla natureza, individual e social, de sua língua materna e assumir a linguagem como uma herança cultural.

## Referências

BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral I*. 5ª edição. Campinas: Pontes Editores, 2005.

\_\_\_\_\_. *Problemas de Linguística Geral II*. 2ª edição. Campinas: Pontes Editores, 2006.

SCARPA, M. E. Aquisição da linguagem. In: BENTES, A. C.; MUSSALIN, F. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. V. 2 São Paulo: Cortez, 2001.

SILVA, C. L. C. *A instauração da criança na linguagem: princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem*. Tese de doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

\_\_\_\_\_. *A criança na linguagem: enunciação e aquisição*. 1ª edição. Campinas: Pontes Editores, 2009.

SILVA, C. L. C.; KNACK, C.; JUCHEM, A. A linguagem e a experiência humana em sala de aula. *Letras & Letras*, v. 29, p. 1-18, 2013.

Vídeo “Maria come batom da mãe!” Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NVHT39CNaj4&feature=youtu.be>. Acesso em: 16/06/2016.